

A
GRANDE
BABILÔNIA

Dr. Aníbal Pereira dos Reis

Edições Cristãs

ÍNDICE

O nome da mulher

Babilônia, a fonte da antiga idolatria

O Babilonismo em Roma

“A grande Babilônia”

“Sai dela”

.oOo.

O NOME DA MULHER

Apocalipse é o livro das epopéias. Da aferrada oposição de Satanás a Jesus Cristo.

Deus, o Pai, em Jesus, nos enviou o Cristo. Satanás, o dragão, criou o Anticristo (Apocalipse 13.11-18).

Jesus é o Cordeiro. O Anticristo quer se assemelhar a um cordeiro (Apocalipse 13.11).

Jesus estabeleceu a Sua Igreja, comparada à mulher, a Sua Noiva, que se trajará de linho fino, resplandecente e puro, com a qual celebrará as bodas (Apocalipse 19.7-8).

Satanás, em contrapartida, à Igreja de Jesus opõe sua falsa igreja (Apocalipse 12), alegorizada, outrossim, numa mulher também vestida. Vestida, não do linho fino das **“obras justas dos santos”**, mas sim de púrpura e de escarlata. Ela se adorna de **“ouro, pedras preciosas e pérolas”** e está **“embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus”** (Apocalipse 17.4, 6).

A Igreja de Jesus é a Noiva virgem e pura. A falsa, a de Satanás, é a mulher **“grande prostituta”**, montada na política do mundo (Apocalipse 17.1, 3, 18).

A Igreja de Jesus é a **“santa cidade”** (Apocalipse 21.2, 10), a do diabo, o dragão, é a **“grande cidade”** (Apocalipse 17.18). A **“santa cidade”** é perseguida (Apocalipse 12.13-18). A **“grande cidade”**, em seu poderio, **“reina sobre os reis da terra”** (Apocalipse 17.18).

A falsa igreja, alegorizada na mulher prostituta, tem um nome bem visível escrito na própria testa, como, no passado, segundo o testemunho de Juvenal e de Sêneca, as meretrizes usavam gravado numa tira de pano posta na frente.

A mulher prostituta chama-se **“MISTÉRIO”**.

A identificação do nome é completo por se lhe juntar o sobrenome: **“a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”** (Apocalipse 17.5).

Nome, de resto, caracterizadíssimo! Explícito! Com significação perfeita! Indiscutível!

O nome das pessoas, dos animais e dos objetos não é simples apelido designativo. Ele denota sua essência. Esclarece a natureza do seu sujeito. É o elemento mais típico e inconfundível da personalidade.

Por se equivalerem o nome e a pessoa, nas Sagradas Escrituras, a sua imposição é de suma importância.

São assim os nomes dados por Deus. Adão, a exprimir a noção de homem ou varão. Abraão, pai de uma multidão. Sara, riso. Israel, o lutador com Deus. Jesus é Deus Salvador.

Com o poder de sujeitar a terra e dominá-la, Deus deu ao homem a atribuição de, exercendo uma ação intelectual, dar **“nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais do campo”** (Gênesis 2.19-20). Então ele deu à sua mulher o nome de Eva.

Eva é vida ou mãe da vida. Caim é aquisição. Jacó, suplantador. Rúbem, um filho. Simeão, ouvir. Levi, unido. Moisés, tirado.

Os nomes dos lugares, de semelhante forma, não são arbitrários, mas sugeridos por importantes eventos. Betel é a casa de Deus. Mizpa, torre de vigia. Babel ou Babilônia, confusão.

Apocalipse 17.5 nomeia a igreja falsa, a mulher prostituta, de MISTÉRIO, cujo nome se desdobra, completando-se, nos respectivos sobrenomes: **“Grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”**.

Sendo completo, o nome envolve a origem e a incumbência da mulher. A origem: Babilônia. E a sua missão neste mundo: mãe das prostituições e abominações da terra.

Noutro livro, **“A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES”**, expliquei o porquê e o sentido dessa missão, causa dessa segunda parte do sobrenome.

Nestes poucos capítulos estudaremos a razão do sobrenome **“a Grande Babilônia”** dado à mulher **“MISTÉRIO”**.

.oOo.

BABILÔNIA, A FONTE DA ANTIGA IDOLATRIA

Todas as cidades são fundadas por alguém em determinada época. Todas têm as suas glórias, os seus problemas, as suas ambições, os seus fracassos. Ligam-se-lhes, outrossim, personalidades ilustres e seres abjetos.

Caim, o fratricida, foi o primeiro a edificar uma cidade, à qual chamou de Enoque, nome do seu próprio filho (Gênesis 4.17).

NINRODE, CONSTRUTOR DE CIDADES

Ninrode é bisneto de Noé, através de Cam, o amaldiçoado pelo patriarca. Esse vínculo sanguíneo com o filho perverso de Noé não honra muito a descendência de Ninrode.

Gênesis 10.8 adjetiva-o como **“o primeiro a ser poderoso na terra”**, ou seja, a ser honrado como divindade.

Edificou, além de outras de menor expressão, duas importantíssimas cidades daqueles recuados tempos: Babel e Nínive (Gênesis 10.10, 11).

Babel ou Babilônia, nas margens do rio Eufrates, da Caldeia. E Nínive, capital da Assíria. Babel e Nínive, ambas marcadas por sua oposição a Deus.

BABEL E CONFUSÃO

Confusão na sua rebeldia contra Deus. Confusão no malogro dos seus desígnios.

Consoante o relato bíblico, seus orgulhosos habitantes empreenderam a fabricação de tijolos para, em lugar de pedras, construir uma torre de imponente altitude, cujo cume tocaria o céu. Essa obra monumental dar-lhes-ia renome, fama, e os conservaria unidos na fixação da cidade.

Desbaratou-os o Senhor Deus ao confundir-lhes a língua (Gênesis 11.1-9).

O DESTAQUE DE BABILÔNIA

Tendo um soberbo como fundador e a sua origem no orgulho, Babilônia tem uma missão na História.

“Os caldeus, a nação amarga e impetuosa, que marcham pela largura da terra, para apoderar-se de moradas que não são suas” (Habacuque 1.6). **“Senhora de reinos”**, **“senhora para sempre”** (Isaias 47.5, 7), como ambicionava, dela muitas nações e reinos foram escravos (Jeremias 25.14).

Apesar de, em seus limites, como castigo divino, haverem-se confundido as línguas, **“terrível e espantosa”** (Habacuque 1.7), em sua desmedida empáfia anunciava: **“Eu sou, e fora de mim não há outra”** (Isaias 47. 8, 10).

Em seu orgulho, habitando **“descuidada”**, **“dada a prazeres”** (Isaias 47.8), **“senhora de reinos”** e **“para sempre”** (Isaias 47.6, 7), **“cujo próprio poder é o seu deus”** (Habacuque 1.11), Babilônia é a origem da idolatria.

TAMUZ, O FALSO MESSIAS

Ninrode, descendente de Noé, conhecia a promessa divina do Messias: **“Porei inimizade entre ti [a serpente] e a mulher, e entre a tua descendência e a sua [a da mulher] descendência; esta [a**

descendência da mulher, ou seja, o Messias] **te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar**” (Gênesis 3.15).

Semíramis, esposa de Ninrode, decidiu aplicar a si mesma a promessa divina e divulgou a notícia de ser o seu filho Tamuz, miraculosamente concebido, o Messias prometido.

Exigindo a rainha fosse ele aceito como divindade, o povo submisso passou a prestar-lhe culto religioso, sempre incentivado com a sua presença a portar o menino nos braços. Figura da mãe e filho, da mulher e criança, de Semíramis e Tamuz. É o culto à rainha dos céus com uma criança ao colo, aliás mencionado por Jeremias 44.17, 19, 22.

Popularizada a figura, alastrou-se de Babilônia para outras regiões. No Egito, Ísis e Horus; na Grécia, Afrodite e Eros; em Roma, Vênus e Cupido,...

A RELIGIÃO DA MAGIA

O culto a Tamuz, fundado e estabelecido pela rainha sacerdotisa, liga-se estreitamente também, em seu começo, ao ocultismo ou magia.

Os caldeus primitivos observavam os fenômenos da natureza: as tempestades, os raios, os vendavais, a variação das estações climáticas, as fases da lua, o nascente e o poente do sol com a sua maior e menor intensidade de calor,...

Notavam, outrossim, os fenômenos do próprio ser humano, como os sonhos, o pensamento, a imaginação, a telepatia, a premonição,...

Enquanto alguns fenômenos lhes causavam alegria por seus efeitos benéficos e, por esse motivo, sempre aguardados, outros os amedrontavam por lhes causar danos e desgraças. Em consequência, queriam amiudar os primeiros e esconjurar os maléficos.

Baseando-se na crença de uma força invisível produzida por certos ritos ou magias, inventou-se o OCULTISMO ou a religião da MAGIA.

O exercício dessa religião constituía e regulava uma verdadeira liturgia de cerimônias e ritos extravagantes com gestos seguidos da prolação de fórmulas ou rezas sobre objetos materiais e de fenômenos da natureza.

Com essa liturgia mágica ou de encantamentos, pretendiam eles o domínio sobre as ocorrências prejudiciais da natureza e o apressar e o conservar dos acontecimentos agradáveis.

A “SEMANA SANTA” DOS CALDEUS

Naqueles primórdios da Caldeia, sob o reinado de Ninrode, a ambiciosa rainha e sacerdotisa Semíramis, fundadora do ocultismo, propalou a notícia da morte do seu filho, o messias Tamuz, causada por um javali. Qual descendência da mulher, ferido gravemente pela fera, morto e sepultado, ressuscitou glorioso.

A paródia da promessa divina, divulgada, se firmou como um fato verdadeiro ou credence popular, originando celebrações anuais em comemoração desses eventos.

Integradas na religião da magia, essas solenidades foram estabelecidas de acordo com o movimento do Sol, cuja imponência em seu nascente e em seu poente e cuja majestade no zéfiro fascinava o povo.

Em cada ano, com cerimônias especiais e ritos de magia, depositava-se a imagem do deus Tamuz morto num esquite. Em solene procissão de grande acompanhamento, conduziam o senhor morto à sepultura. Destacava-se no préstito fúnebre o pranto convulso e barulhento das mulheres, lamentações essas lembradas pelo profeta Ezequiel quando alude à tristeza religiosa das **“mulheres assentadas chorando por Tamuz”** (Ezequiel 8.14).

Horas após essas celebrações de luto e de tristeza, o povo prorrompia em alaridos de júbilo a comemorar a ressurreição do seu deus morto.

A RAIZ DA IDOLATRIA

Tamuz é, na Babilônia, por efeito da adulteração da promessa divina de Gênesis 3.15, o princípio da idolatria criada por Semíramis, a mulher de Ninrode, **“o primeiro a ser poderoso na terra”** (Gênesis 10.8).

OS MUITOS NOMES DE TAMUZ

Se os fenômenos da natureza são muitos e muitíssimos os interesses dos homens, segundo a crença babilônica primitiva, também há necessidade de muitos ritos religiosos ou obras de magia gerando notável quantidade de símbolos e amuletos, como a cruz. Cada um com a sua destinação especial de rebater os fenômenos perigosos ou anular-lhes os efeitos ou com a finalidade de atrair, apressar e conservar os fenômenos úteis e agradáveis.

Em decorrência dessa necessidade, estabelecido também um sacerdócio com o seu sumo pontífice, o ocultismo se desenvolveu em sua ritualística complicada e ao deus Tamuz foram atribuídos outros nomes. Tantos nomes que Plutarco calculou-os em dez mil (Wilkinson, *Egyptians*, Vol. IV, pg. 179).

SATURNO

Dentre tantos nomes de Tamuz, o deus dos mistérios, contudo, se destaca o de SATURNO por ligar-se estreitamente ao ocultismo e à magia.

Com efeito, no vocabulário da Caldéia, SATURNO e MISTÉRIO são palavras correlatas por terem ambas o mesmo significado de OCULTO ou ESCONDIDO.

Da Babilônia, o ocultismo se alastrou para outros povos. Passou logo à Assíria, cuja capital Nínive fora fundada por Ninrode. Atingiu o Egito, a

Média, a Fenícia, a Pérsia, a Grécia, Roma, levando a todas as partes os muitos nomes de Tamuz.

No Reino das Dez Tribos de Israel é o BAAL levado com toda a sua bagagem cúlrica pela ímpia Jezabel, a filha do monarca sidônio Etbaal, e mulher de Acabe, soberano do Reino do Norte.

Essa Babilônia edificada por Ninrode às margens do Rio Eufrates, a metrópole da Caldéia, a Babilônia histórico-geográfica, **“nação feroz e impetuosa”, “terrível e espantosa”,** de exércitos **“mais ligeiros do que os leopardos”, “mais ferozes do que os lobos à tarde”,** velozes **“como a águia que se apressa a devorar”,** que **“escarnecem dos reis, e dos príncipes fazem zombarias”** (Habacuque 1.6-10), verdugo do Israel de Deus...

É essa Babilônia, **“cujo próprio poder é o seu deus”** (Habacuque 1.11), a mãe da antiga idolatria, que, na exuberância máxima da sua glória, exalta ao apogeu o culto idólatra quando Nabucodonosor construiu a colossal imagem em ouro de sessenta côvados de altura e seis de largura.

Essa Babilônia, ainda no auge do seu imperialismo dominante, subjugou o povo de Deus. Essa Babilônia histórico-geográfica das águas do Eufrates, tipo da cidade do diabo, é a metrópole tipo da Babilônia mística do Apocalipse, **“a grande Babilônia”,** sobrenome da Mulher Mistério.

O Senhor Deus, que **“tem anunciado desde os tempos antigos as cousas vindouras”** (Isaías 44.7), que nas **“primeiras cousas”** nos anuncia as **“novas cousas”** (Isaías 42.9), naquela Babilônia do Antigo Testamento nos revela a Babilônia do Apocalipse.

.oOo.

O BABILONISMO EM ROMA

Numa noite de orgia idólatra promovida pelo monarca Belsazar, a grande potência babilônica chegou ao seu fim. Tétricos dedos a escrever ameaçadoras palavras na caiadura da parede interromperam o festim de luxo e de luxúria. **E “naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus”** (Daniel 5.30).

Invasida Babilônia pelo poderio medo-persa, ascendeu ao trono caldaico o rei Dario.

VIA PÉRGAMO

Entrementes, o sumo pontífice, seguido de sacerdotes e levando imagens e vasos sagrados do culto ocultista, fugiu para a cidade de Pérgamo, na Ásia Menor. Transformara-se esta cidade, por isso, em **“trono de Satanás”** porque **“onde Satanás habita”** (Apocalipse 2.13). Dessa localidade da Ásia Menor, os sacerdotes da religião dos mistérios e da magia, sempre carregando sua bagagem religiosa, atravessaram o mar e se fixaram na Península Itálica, cognominada de “A TERRA SATURNINA” (Ovídio, *Fasti*, lib. VI, 11; Plínio, *Hist. Nat.*, III, 5; Aurelius Victor, *Origo Gent. Roman.*, III). E Roma, onde de modo especial se centralizou o culto dos mistérios, naquele tempo passou a se chamar SATÚRNIA, cidade ou residência de Saturno, o título saliente do deus Tamuz, por presidir ele o ocultismo.

São dados indiscutíveis da História!

SATURNO E LATIM

Conquanto os sacerdotes da magia impusessem a sua religião de mistérios, não conseguiram fazer prevalecer o seu próprio idioma caldaico. Em vasta região da “terra saturnina”, sobretudo nas imediações de Saturnia, falava-se uma língua nativa, à qual atribuíram o nome de LATINUS. Procedente de LATIUM, a outra cognominação dada a Saturnina, por serem sinônimos ambos.

Com efeito, LATIUM procede do caldaico LAT e quer dizer JAZ ESCONDIDO (Ovídio, *Fasti*, lib. I, 1; Virgílio, *Aeneid.*, lib. VIII, 1).

Do vocábulo caldeu LAT origina-se também o verbo latino LATEO com a significação exata de ESTAR ESCONDIDO ou OCULTO. E das flexões deste verbo LATEO vieram para o nosso vernáculo as palavras LATENTE, LATÊNCIA, LATÍBULO.

Latente é oculto, escondido, encoberto. Latência é a capacidade ou propriedade de estar escondido ou oculto. Latíbulo, o esconderijo.

O latim se tornou, portanto, a língua da religião dos mistérios, de acordo, aliás, com a sua sinonimia de oculto, escondido, encoberto.

Todo o culto carregado de ritos misteriosos e de objetos de magia, proveniente da Babilônia, se fixou em Roma e nesta cidade, que posteriormente seria a capital da grande potência do Império latino, se desenvolveu de modo extraordinário e se alastrou até aos confins do imenso domínio romano futuro.

Graças a essa mentalidade ocultista babilônica, os romanos, na vigência do Império, jamais tiveram qualquer dificuldade em reunir ECUMENICAMENTE todas as liturgias e todos os deuses de todos os povos bárbaros no grande PANTEON.

O VATICANO

Dentre tantos deuses latinos salientava-se o VATICANO.

Instalaram-se os seus sacerdotes num campo próximo da antiga Roma e ali prognosticavam. Em nome do deus VATICANO proferiam seus infalíveis oráculos.

VATICANO é um nome derivado do latino VATICINIUM, que quer dizer exatamente ORÁCULO, que, por sua vez, corresponde a INFALÍVEL.

Do substantivo VATICINIUM decorre o verbo também latino VATICINARE (vaticinar, predizer, augurar) e lhe são correlatas as palavras VATICINANS, VATICINATOR (vaticinante, vaticinador).

Vaticínio é predição, prognóstico.

Os adivinhos, sacerdotes do deus VATICANO, residiam naquele campo vizinho, mas fora de Roma, e ali davam as suas consultas. Calígula transformou parte daquele sítio em jardins. Nero, por seu turno, mandou depois melhorar o local e construir ali um circo.

A correlação entre VATICANO, LATINUS e SATURNO é patente na religião de mistério ou ocultismo.

Os sacerdotes do deus VATICANO dos oráculos misteriosos, em seu ritualismo, exerciam a magia do próprio contexto de todo o babilonismo transferido da Caldeia para a Península Itálica. Exerciam eles a velha idolatria em decorrência do seu destino de justificar o sobrenome de **“A GRANDE BABILÔNIA”** anexado ao nome MISTÉRIO da mulher prostituta.

O campo vizinho de Roma, onde residiam os sacerdotes do deus VATICANO e onde exerciam os seus ritos mágicos, ao se consumir a incorporação do Catolicismo como religião destacada do Império Romano, nesse sítio Constantino Magno mandou edificar a Basílica de São Pedro e o vasto palácio da habitação do “bispo” de Roma, o novo prognosticador, infalível vaticinador de oráculos (?).

Em julho de 1870, com a unificação da Itália, o soberano papal perdeu todos os territórios dos Estados Pontifícios, tornando-se perante as leis italianas e internacionais um cidadão comum. Em 11 de fevereiro de 1929, contudo, Benito Mussolini tirou-o dessa situação vexatória para o seu orgulho, ao criar, com o Tratado de Latrão, o Vaticano como nação independente da Itália e reconhecendo o “papa” como seu chefe político.

É do VATICANO que o “papa”, o deus-vaticano do cristianismo babilonizado, profere os seus oráculos infalíveis (?). Que, na postura do Anticristo, com a sua boca vaticinante, fala grandes coisas, profere palavras contra o Altíssimo (Daniel 7.8, 20, 25) e fala como dragão (Apocalipse 13.11).

Infalível em seus vaticínios, lá do Vaticano, o atual deus-vaticano, soberano monarca da **“grande Babilônia”** mística, qual “papa”, pai supremo, enxerta com o seu sêmen as entranhas sempre fecundas da mulher prostituta, a mulher MISTÉRIO, **“mãe das prostituições e abominações da terra”**, constantemente pejadas de fetos de novos dogmas e de novos ritos.

PORQUE “A GRANDE CIDADE”

O Catolicismo romano é **“a grande cidade”**! Na condição de igreja caricaturizada é ela a GRANDE CIDADE de Apocalipse 17.18; 18.10, 16, 19, 21. É a CIDADE FORTE (Apocalipse 18.10). A CIDADE ÍMPAR à qual nenhuma outra se equivale (Apocalipse 18.18).

Grande, forte, ímpar é a CIDADE por antonomásia. Seu governo está nas mãos do Anticristo ou Falso Profeta (Apocalipse 16.13; 19.20; 20.10), **“o homem do pecado, o filho da perdição”, “o iníquo”** (2ª Tessalonicenses 2.3, 8), que não é outro senão o “papa” do Catolicismo romano.

Minuciosos esclarecimentos acerca do Anticristo encarnado na pessoa do “sumo pontífice” são apresentados em meu livro **“A BESTA DO APOCALIPSE”**, cuja leitura se faz imprescindível para quem deseja inteirar-se do assunto e nestas páginas exposto com critério e isento de interpretações fantasiosas.

O Catolicismo se centraliza, como no passado ocorria com o Império Romano alegorizado na Besta híbrida de Apocalipse 13.1-10, na cidade de Roma.

O Catolicismo, com efeito, como revivescência do antigo Império latino, qual amazona se escanha sobre uma besta de sete cabeças (Apocalipse 17.3), figuração de sete montes (Apocalipse 17.9).

Roma, a antiga capital do Império Romano e a atual sede do Catolicismo, é a cidade das sete colinas: URBS SEPTICOLLIS. É a cidade conjunto de sete montes: COMPLEXA SEPTEM MONTES (Plínio, *Hist. Nat.*, 3, 9).

Em tendo Roma como sua capital, alcunha-se de ROMANO o Catolicismo e igual designativo se atribui ao seu pontífice.

Roma é para o Catolicismo A GRANDE CIDADE, A CIDADE FORTE, A CIDADE ÍMPAR, A CIDADE POR ANTONOMÁSIA. A CIDADE DESTACADA do resto do mundo!

Por isso a solene “bênção” do “papa” é URBI ET ORBI (para a CIDADE e para o mundo).

Sim, ele quer abençoar o mundo inteiro. Antes, porém, abençoa a CIDADE. URBI ET ORBI!

O latim URBS (URBI é o caso dativo da terceira declinação), é donde procedem em nosso idioma os vocábulos urbano, urbanidade, urbanismo, urbanizar. URBS quer dizer CIDADE. E nesta locução própria dos corredores vaticanos (URBI ET ORBI) é Roma, a GRANDE CIDADE, a antítese da Nova Jerusalém.

Essa expressão atribuída à “bênção” papal, ao distinguir a CIDADE do restante do orbe, identifica o sistema católico regido pelo Anticristo, o “papa”, com A GRANDE CIDADE de Apocalipse 17.18; 18.10,16, 19, 21, que outra não é senão a “GRANDE BABILÔNIA” (Apocalipse 17.5, 18).

.oOo.

“A GRANDE BABILÔNIA”

À mulher prostituta, alegoria da igreja do dragão Satanás (Apocalipse 17.1-4), é atribuído um nome muito especial por lhe caber na exatíssima medida: **“MISTÉRIO”**.

MISTÉRIO, sinônimo de SATURNO!

Tamuz é o deus Saturno precisamente por ser o deus dos mistérios do ocultismo. MISTÉRIO e SATURNO, palavras correlatas no vocabulário caldaico, exprimem a sinonímia de OCULTO, ESCONDIDO, ENCOBERTO.

A mulher chamada MISTÉRIO é o sistema religioso que prolonga, na vigência da Dispensação da Igreja de Cristo, o ocultismo babilônico. O seu sobrenome **“GRANDE BABILÔNIA”** elucida a sua origem.

Na Babilônia geográfica, Deus anunciou **“desde os tempos antigos as cousas vindouras”** (Isaías 44.7). Com efeito, **“certamente o Senhor Deus não fará coisa alguma sem primeiro revelar o Seu segredo aos Seus servos, os profetas”** (Amós 3.7).

Por isso, a antiga Babilônia figura e anuncia “A GRANDE BABILÔNIA”, a Babilônia mística do Apocalipse.

Salta aos olhos do mais apressado observador a identificação perfeita da alegoria da mulher prostituta chamada MISTÉRIO, **A GRANDE BABILÔNIA**, com o CATOLICISMO ROMANO, o cristianismo babilonizado. Em meus livros **“A BESTA DO APOCALIPSE”**, **“A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES”** e **“A IMAGEM DA BESTA”**, sob muitos aspectos formalizo essa identidade.

De uma infinidade de pontos de identificação, entanto, em simples amostragem, mencionarei alguns:

1)- IDENTIFICAÇÃO DE ORIGEM.

O ocultismo babilônico principiou com a adulteração da promessa divina do Messias em Gênesis 3.15, texto este conhecido como proto-Evangelho. O Catolicismo começou corrompendo a própria essência do Evangelho anunciado em Gênesis 3.15.

A raiz primeira do Catolicismo encontra-se na tese da salvação pelas obras além da fé em Jesus Cristo, tese essa suscitada por aqueles fariseus que **“tinham crido”**. Levantaram-se eles a exigir dos gentios convertidos a observância das obras da Lei de Moisés e da circuncisão em acréscimo à fé em Jesus Cristo (Atos 15.1, 5).

Nesse caso, Jesus Cristo não seria o TODO-suficiente Salvador, por requerer a parceria da Lei. E, tendo em vista a circuncisão exigida pelos

fariseus cristãos, a fé em Jesus Cristo deixaria de ser o único veículo através do qual Deus comunica a graça salvadora.

Misturado o Evangelho com a necessidade de obras, transformar-se-ia o Cristianismo numa seita judaica!

Nesse primeiro desvio doutrinário do Evangelho é que o Catolicismo foi buscar a sua tese fundamental.

E, de fato, exige ele a prática de obras em parceria com a fé em Jesus Cristo para a salvação do pecador. Impõe, outrossim, a submissão aos “sacramentos”, dos quais o primeiro é o batismo, primeiro em ordem cronológica por ser ele a porta de todos os outros “sacramentos”. Considera o batismo sucedâneo da circuncisão do judaísmo.

2)- A RITUALÍSTICA CATÓLICA E A MAGIA.

No velho babilonismo, como já verificamos, surgiu a magia!

Aqueles homens primitivos, assustados com certos fenômenos da natureza e beneficiados por outros, supuseram poder controlá-los e dominá-los através de ritos, de cerimônias e de objetos aos quais atribuíam poder sobrenatural.

Em consequência dessa magia, observe-se, apareceu a feitiçaria, que outra coisa não é senão atribuir-se a um objeto material, ou a um gesto, ou a uma cerimônia ritual, um poder religioso superior que só a Deus compete.

O Catolicismo engendrou também os seus sortilégios e talismãs quando criou os “sacramentos”.

Na conceituação teológico-católica, “sacramento” é um sinal sensível, material, instituído por Jesus Cristo, que significa e produz a graça.

Exemplifico!

A água é a matéria do “sacramento” do batismo. Significa ela a regeneração do pecador com a sua lavagem de pecados. Aplicada de acordo com a cerimônia estabelecida pela “igreja” sob a prolação das palavras rituais, *ex opere operato*, ou seja, infalivelmente, independente das disposições do ministro celebrante e do sujeito recipiente, confere ao batizando a vida eterna com as suas inerentes consequências.

A eucaristia é outro “sacramento”, o qual, como sacrifício, supõe renovar e repetir o sacrifício do Calvário. Em sua celebração, ao prolatar as palavras consecratórias, como num passe de magia, ocorre a transubstanciação, isto é, as espécies de pão e vinho se transmudam no corpo físico de Jesus Cristo e no Seu sangue verdadeiro. Dentre os efeitos da “missa”, há o da aplicação pelas almas do purgatório.

Além dos “sacramentos”, fazem parte do conjunto do ritualismo católico os chamados “sacramentais”. Entre ambos só há duas diferenças. Os “sacramentos” são instituídos por Cristo; os “sacramentais” são instituídos pela própria “igreja” e seus efeitos dependem das disposições dos devotos.

Também dou exemplos!

A água benta pelo sacerdote, devotamente usada pelos fiéis, afugenta as tentações e atrai a proteção sobrenatural.

O sinal da cruz, usado pelos devotos, livra do mal e espanta os demônios.

A vela benta acesa é um talismã precioso nas tempestades. O ramo bento no Domingo de Ramos protege dos raios e das trovoadas se na hora do perigo for queimado em cruz.

Há também uma quantidade expressiva de orações poderosas e novenas de eficácia comprovada (?). Rosários, bentinhos e medalhas. “Santos” infalíveis e “nossas senhoras” de valimento seguro (?). Dias santos. Imagens e procissões. Romarias e santuários.

Afinal, toda a ritualística católica se processa em torno dos “sacramentos” e dos “sacramentais”, sucedâneos dos amuletos e talismãs da velha Babilônia.

3)- TAMBÉM A MARIOLATRIA PROCEDE DA BABILÔNIA.

Na metrópole do Eufrates, a figura de Semíramis e de Tamuz ensinaram o culto à mulher-e-à-criança, à mãe-e-ao-filho nos braços. Propagou-se ela por todo o velho paganismo.

O culto a Maria é no Catolicismo a permanência da mãe-e-o-filho do babilonismo.

Mãe de Deus, Maria é a co-redentora, a advogada e o refúgio dos pecadores. Como “rainha do céu” é a mãe da “igreja”.

Deram ao deus Tamuz uma infinidade de nomes. A Maria, o Catolicismo, sob a locução “nossa senhora”, atribui títulos em ilimitada quantidade. “Nossa senhora” das Graças, das Mercês, do Rosário, das Dores, de Loreto, de Guadalupe, de Lourdes, de Fátima, Aparecida, do Parto, do Pintassilgo, da Televisão, do Rádio, das Lágrimas, da Consolação, da Purificação, da Conceição, da Boa Viagem, do Rocio, da Boa Morte, Medianeira, do Perpétuo Socorro, dos Necessitados, dos Aflitos, dos Remédios, da Cabeça, da Glória, do Sagrado Coração, Menina, da Paz,... E agora, o mais recente, inaugurado, por sinal, por João Paulo II em sua visita à Bahia: “Nossa senhora” dos Alagados... Apenas uns poucos exemplos, que não queremos cobrir páginas e páginas com tantos e os mais extravagantes apelidos dados a Maria.

Se, ao sacerdote da magia babilônica, se perguntasse se o deus Saturno era um deus diferente do deus Tamuz, ele explicaria que não, mas que são nomes diversos atribuídos ao mesmo deus. O sacerdote católico, de igual maneira, explicará aos seus fiéis, dizendo serem todos esses títulos atribuídos a uma única pessoa: Maria.

4)- O PONTIFICADO CATÓLICO É DE ORIGEM BABILÔNICA.

O sacerdócio babilônico se organizava à base de um sumo pontificado.

Transferido o culto da antiga magia caldaica, via Pérgamo, para a Península Itálica, acompanhou-o a prática da adivinhação, ou vaticínio, ou oráculo.

Instalado o Império Romano, o exercício do sumo pontificado da religião dos mistérios coube ao próprio Imperador que, dessa forma, acumulava a autoridade dos dois setores: a política e a religião.

Nessas condições, ele era AUGUSTUS, DIVUS, FILIUS DEI, DOMINUS, DEUS.

Em meus livros **“A BESTA DO APOCALIPSE”** e **“O SINAL DA BESTA”** enfoco a ascensão político-militar de Constantino Magno, o Imperador que, ao vencer Maxêncio, consegue unificar de novo o grande Império e estrutura-lhe a universalidade unificada à base da religião, o cristianismo babilonizado.

No primeiro destes livros acima aludidos, analiso a evolução do pretense primado do “bispo” de Roma.

Constantino Magno, com a idéia de sustentar a unidade imperial, sempre ameaçada pelo Oriente enciumado com o maior desenvolvimento do Ocidente, decidiu transferir a sede da vasta potência para lá, instalando-a em Constantinopla, por ele próprio edificada e onde passou a residir.

A saída do Imperador para Constantinopla deixou Roma como campo aberto ao desenvolvimento e ascensão do prestígio do “bispo” de Roma, já respeitado como o *primus inter pares* no cristianismo babilonizado, desde o ano de 325, por ocasião do Concílio de Nicéia, chamado oficialmente de Catolicismo.

O título e as atribuições inerentes do sumo pontífice passaram do Imperador para esse “bispo” de Roma, cuja autoridade é a revivescência da soberana autoridade do monarca imperial.

Júpiter, que outro não é senão mais um nome de Tamuz, era considerado pelos poetas o pai dos deuses e, por isso, o cognominaram de PAPPAS. É o vocábulo grego que, em Roma, inspirou a adoção da palavra PAPA para o sumo pontífice do Catolicismo. E veio bem a calhar às ambições dele, pois, qual Júpiter, tem-se ele na conta de pai dos pais, ou pai soberano.

Com efeito, o termo PAPA lembra a junção da primeira sílaba de duas palavras latinas da locução PATER PATRUN (pai dos pais). É uma usurpação do lugar de Deus, o Pai único e soberano.

A correspondência do sumo pontificado católico com a magia do ocultismo se revela também no brasão de armas do “papa”, onde se salientam duas chaves cruzadas, insígnia de sua autoridade que o investe do munus de, a seu talante e critério, misteriosamente, abrir e fechar as portas do céu. Essas chaves alegóricas vêm da simbologia mitológica de Jano e Cibele. O primeiro, em tempos de paz, com a sua chave fechava as

portas do templo e as abria na guerra, enquanto Cibele abria-as e fechava-as como bem lhe parecesse.

Se o máximo título de PAPA e as suas insígnias das chaves alegóricas procedem da religião do mistério, a localização da sua luxuosa residência e dos seus faustosos palácios se origina da palavra latina VATICINIUM, como vimos no capítulo anterior.

5)- A SATURNIDADE E A SOTURNIDADE DO CATOLICISMO.

O nome da grande Babilônia é MISTÉRIO! Mistério que é oculto, encoberto, escondido.

Mistério, o sistema religioso de SATURNO, o deus da magia oculta, é, outrossim, a sistemática do Catolicismo.

O “papa” é o autêntico sucessor do deus Saturno. Tem ele a sua sede em Roma, a antiga SATÚRNIA, no passado, sede de SATURNO. E continua, sustenta e incrementa um SISTEMA OCULTO DE RELIGIÃO.

E, de fato, na contextura dogmática romanista, na pessoa do sumo pontífice, por considerar-se o “vigário” de Cristo, esconde-se o próprio Espírito Santo.

O “sacramento” da eucaristia, em função do qual se celebra a “missa”, o coração da liturgia católica, o “sacramento” da eucaristia oculta, esconde sob as espécies de pão e vinho, o próprio Jesus Cristo com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Tomás de Aquino, tanto assim é, chama a eucaristia de “divindade escondida” (latens Deitas).

A interpretação das Sagradas Escrituras é vedada e vetada aos fiéis por lhes ser oculta, misteriosa, competindo com exclusividade ao “papa”, oráculo infalível dos mistérios (?).

No Catolicismo tudo é MISTÉRIO. Tudo é OCULTO. Tudo é SATURNO!

SATURNO E SOTURNO!!!

Diz a astrologia, um dos setores da magia ou do ocultismo, enquadrada também às feitiçarias romanistas, que as pessoas nascidas sob o signo de Saturno são dotadas de temperamento sombrio, melancólico, ensimesmado, enevado, tristonho, escurentado. São elas inclinadas a se manterem ocultas, escondidas.

São pessoas SOTURNAS, taciturnas, lúgubres.

É o Catolicismo! Seus ritos são melancólicos. Sua liturgia, escurentada e enevada até pela fumaça do incenso. Seus dogmas, escondidos nos mistérios das definições do seu pontífice.

Seus fiéis fervorosos são pessoas SOTURNAS na sua trágica desesperança porque o plano de salvação do Catolicismo, baseado em méritos provenientes de obras, é o cúmulo da insegurança desesperadora. SOTURNOS os fiéis católicos praticantes porque a salvação deles é sempre um MISTÉRIO, um assunto escondido aqui na terra e oculto num purgatório do além.

No Catolicismo tudo é mistério porque o seu sumo pontífice, em sendo o Anticristo, é o **“MISTÉRIO DA INIQUIDADE”** (2ª Tessalonicenses 2.7). Do **“mistério da iniquidade”** só pode proceder o **“engano da injustiça para os que perecem”** (2ª Tessalonicenses 2.10).

Conquanto aparente seriedade e nobreza de conduta, a vida do seu clero (salvas raríssimas exceções) é de uma saturnal espantosa pela lama de devassidão a transbordar, desde as negociatas financeiras até a exploração mercantilista das almas dos homens, desde as orgias políticas até as bacanais do sexo mais vilipendiado...

Apesar de demonstrar mansidão, cordura e bondade, a hierarquia saturnal atinge os paroxismos da soturnidade pela medonha violência com todas as inimagináveis e sombrias manifestações. Que o diga a lúgubre “santa inquisição”, ainda atuante por meio de recursos mais requintados e mais sinistros do que as antigas fogueiras, os obsoletos cadafalsos, as medievais masmorras.

6)- O BABILONISMO ATÉ NA MITRA DOS “BISPOS”.

Na Babilônia histórica, os chefes dos sacerdotes da religião do ocultismo usavam à cabeça nas celebrações cúlticas uma mitra na forma de cabeça de peixe em honra do deus Dagon, outro nome de Tamuz, o deus peixe. Nas Sagradas Escrituras, encontram-se alusões a Dagon, o Tamuz dos filisteus. Dagon, esse com o qual Sansão andou às voltas.

Até nesse pequeno pormenor, por ser **A GRANDE BABILÔNIA**, o Catolicismo se identifica com a magia da velha Babilônia, pois seus “bispos”, os chefes diocesanos dos sacerdotes romanistas, encabeçados pelo sumo pontífice, usam a mitra na forma de peixe.

7)- A VOCAÇÃO POLÍTICA DO CATOLICISMO.

A mulher prostituta, em cuja frente se inscreve o seu nome “MISTÉRIO”, em sua alegoria de Apocalipse 17.3, aparece montada numa besta. Esta besta é a representação plástica do Império Romano, do poder político.

Na visão de Daniel, a quarta fera se distinguia das outras pelos seus dez chifres, que são reis (reinos ou nações), dos quais **“subiu outro chifre, pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados”** (Daniel 7.7, 8). Esta visão tem o seu significado repetido na alegoria das duas feras de Apocalipse 13, a segunda das quais também sai da primeira. O pequeno chifre corresponde à segunda besta de Apocalipse 13.11-18 e representa o Anticristo. Esta é a conclusão a que chegamos em nosso estudo em duzentas páginas no livro **“A BESTA DO APOCALIPSE”**. O Anticristo nasce da política deste mundo e desta política sobrevive.

No antigo paganismo de Babilônia assim também ocorreu.

O ocultismo nasceu na casa de Ninrode, o fundador da metrópole da Caldéia. No seio da sua família foi concebido. Nela e dela gerada a religião dos mistérios sempre viveu em estreita dependência dos poderes políticos.

A mulher MISTÉRIO é o sistema católico, o da hierarquia clérico-católica. É a religião do “papa”, o Anticristo. Na plástica da amazona é o sistema religioso montado na política.

É ela, outrossim, a grande prostituta assentada sobre muitas águas (Apocalipse 17.1). Águas que são povos, multidões, nações e línguas (Apocalipse 17.15).

Ainda a mesma mulher é figurada na **“grande cidade que reina sobre os reis da terra”** (Apocalipse 17.18).

Quem poderá negar a intromissão da hierarquia clerical católica na política dos povos? E a sua prepotência sobre ela?

Nascido da política imperialista de Constantino Magno, o Catolicismo, para sobreviver, qual **“grande prostituta”**, qual **“mulher montada”**, qual **“grande cidade”**, sempre se escanchou na política.

As páginas da História do Brasil que o digam! Aí está a famigerada CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) a, com a sua atuação, comprovar a identidade do sistema clerical romanista com a MULHER MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA.

8)- A COR CARACTERÍSTICA.

Traja-se a Mulher Mistério **“de púrpura e de escarlata”** (Apocalipse 17.4).

Púrpura e escarlata caracterizam a pomposa liturgia católica. Em suas celebrações predomina o vermelho. Quem assistiu pela televisão a cores a posse dos dois “papas” em 1978 pôde observar esse pormenor.

É impossível qualquer engano nessa identificação do Catolicismo com a Mulher Mistério, a Grande Babilônia. As Sagradas Escrituras, também neste caso, entram em minúcias.

9)- O CATOLICISMO ÉBRIO DO SANGUE DOS MÁRTIRES.

A Mulher Mistério, a Grande Babilônia, a Grande Prostituta, a Mulher Montada, a Mulher que é a Grande Cidade, embriaga-se **“com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus”** (Apocalipse 17.6).

Mencionada a “santa inquisição” nada há a se acrescentar.

E a organização que a montou, porque sua babilônica estrutura íntima só se satisfaz com o sangue de suas vítimas, jamais abdicará de seus instintos de perversidade, de ódio, de vingança... De sua sanha cruel de sangue.

A aurifulgente (Daniel 2.32, 38) potência da Babilônia histórica, no passado, oprimiu o povo de Deus.

É a inexorabilidade da História! A Babilônia mística, figura do sistema religioso do Anticristo, por força de sua índole, persegue os seus desafetos, mormente os servos de Deus.

10)- NA BABEL ROMA, O PANTEON DOS DEUSES.

O nome da Mulher Mistério carrega duplo sobrenome: **“A GRANDE BABILÔNIA”** e **“A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA”**.

À extensão das Sagradas Escrituras, Deus Se revela enojado da idolatria a ponto de chamá-la de prostituição e de abominação. Por isso, detesta-a.

No livro **“A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES”** me alongo em considerações acerca desta alcunha da Mulher Mistério.

Sem grande empenho, comprova-se a correspondência do Catolicismo romano com **“a mãe das prostituições e abominações da terra”**.

Há duas formas diferentes de idolatria: a do culto aos deuses falsos e a do culto falso ao Deus verdadeiro.

O sistema de religião dos mistérios católicos se distingue pelo seu culto falso. Culto falso, aliás, com o respaldo forçado de passagens isoladas das Escrituras ao sabor do *SCRIPTURA EX MACHINA*.

Se, com a destruição da Babilônia do Eufrates, seus deuses se abrigaram no Panteon da Roma Imperial, agora eles, sob outros nomes, se alinham nos altares do Catolicismo, a Babel Roma.

De tantos pontos de contato entre o Catolicismo e o babilonismo, mencionamos somente esses dez, aliás, de sobejo suficientes à nossa convicção.

.oOo.

“SAI DELA...”

Ela, **“a Grande Babilônia”**, é o Catolicismo, a Babel Roma! Não há por onde escapar! Só os encegurrados pela APOSTASIA não querem reconhecer a indiscutível, porque evidentíssima, identificação do Catolicismo com **“a Grande Babilônia”**.

I

Deus exige que nos separemos dela. Sua determinação é categórica.

“SAI DELA...”

É a separação!

O que é SEPARAÇÃO? É afastamento. Distância. Isolamento. É fuga. É apartar-se. Desviar-se. Retirar-se.

a) O primeiro a quem Deus separou da Babilônia histórica foi Abraão. Abraão, em quem, por primeiro se concretizou o Evangelho da graça pela fé (Gênesis 15.6; Romanos 4.3, 21-22; Gálatas 3.6). Abraão, o pai dos crentes, **“herdeiros segundo a promessa”** (Gálatas 3.29). Ao anunciar-lhe a promessa Deus determina: **“Sai da tua terra [de Babilônia], da tua parentela [dos babilônios] e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei”** (Gênesis 12.1).

Ainda **“ERA ELE UM SÓ”** (Isaías 51.2) e Deus exigiu-lhe apartar-se de Babilônia. **“Sem saber para onde ia”** (Hebreus 11.8), **“saiu da terra dos caldeus”** (Atos 7.4).

Num momento de tentação, quando Abraão vacilava, aparece-lhe outra vez Deus e Se identifica como o Senhor que o tirara de Ur dos caldeus (Gênesis 15.7).

Em chegando a ocasião do casamento de Isaque, o filho da promessa, Abraão encarregou o seu mordomo, o damasceno Eliézer, do encaminhamento do assunto.

O servo criterioso observou ao patriarca a eventualidade de algum contratempo e perguntou-lhe se, nessa hipótese, o filho encaminhar-se-ia à terra, Babilônia, de onde ele, no passado, saíra.

Tudo poderia ocorrer. Eliézer estaria descompromissado! Somente a ida de Isaque para a Babilônia jamais poderia suceder (Gênesis 24.1-9).

De Babilônia o afastamento deve ser definitivo e irrevogável.

Em Abraão, Deus separara para Si um povo.

b) Moisés significa TIRADO.

Quando ainda criança, separou-o Deus da morte prematura sob a crueldade de Faraó.

Na hora da libertação do jugo egípcio, o Senhor Deus prodigalizou extraordinários portentos a fim de que se soubesse **“que o Senhor faz distinção entre os egípcios e os filhos de Israel”** (Êxodo 11.7).

Na ocorrência das pragas, separou a terra de Gósen, onde se fixaram os israelitas, porquanto Deus faz distinção entre o Seu povo e o do Egito (Êxodo 8.22-23). Povo egípcio herdeiro do ocultismo babilônico.

Enquanto em toda a terra do Egito as trevas espessas cegaram a população inteira, **“para todos os filhos de Israel havia luz”** (Êxodo 10.22-23).

Dos habitantes de Canaã, onde o Seu povo voltaria a residir após 430 anos de escravidão nas terras de Faraó, determina o afastamento, a fuga, a segregação. **“E sereis para Mim santos”**, adverte Deus e dá o motivo, **“porque Eu, o Senhor, sou santo e vos separei dos povos, para serdes Meus”** (Levítico 20.26).

No instante da conquista da Terra Prometida, a segurança da graça divina está no fato saliente de andar Deus com o Seu povo de modo a ser ele separado (Êxodo 33.16).

c)- Da Terra exigiu a retirada dos seus antigos habitantes: os amorreus, os cananeus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, com os quais pacto algum os do Seu povo fariam (Êxodo 34.10-12).

Separação absoluta para os Seus não se corromperem com a magia do ocultismo babilônico praticado entre todos os povos.

d)- A luta dos profetas foi no sentido de sustentar essa separação. Neste propósito, agigantaram-se eles no combate aguerrido a qualquer mancomunação com os fiéis da babilônica religião dos mistérios.

e)- Ao cabo de 70 anos de cativo na Babilônia, Deus liberta o Seu povo a fim de outra vez conservá-lo separado.

Tudo o que é dedicado a Deus, inclusive os animais dos holocaustos, necessário se faz, seja separado mediante critérios de escolha (Levítico 22.22; Deuteronômio 15.21).

f)- SEPARAÇÃO é a exigência de nosso Senhor Jesus Cristo!

Jesus Cristo, o verdadeiro e único **“sumo sacerdote, inocente, imaculado, SEPARADO dos pecadores, e feito mais sublime que os céus”** (Hebreus 7.26).

Sua missão de Salvador foi, remindo o pecador, afastá-lo do pecado, da iniquidade, dos compromissos deste mundo. **“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro”** (Mateus 6.24).

Por ser o inconfundível e peremptório Divisor, Ele clama: **“Vim lançar fogo à terra; e que mais quero, se já está aceso?”** (Lucas 12.49).

O mundo idiota busca paz. A falsa paz do conluio com a iniquidade. A esse mundo ímpio, babilonizado, Jesus questiona: **“Cuidais vós que vim trazer paz à terra? Não, Eu vos digo, mas antes DISSENSÃO**, pois daqui em diante estarão cinco pessoas numa casa divididas, três contra dois, e dois contra três; estarão divididos: pai contra filho, e filho contra pai, mãe contra filha, e filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra” (Lucas 12.51-53). **“E assim os inimigos do homem serão os da sua própria casa”** (Mateus 10.36).

Jesus Cristo faz-Se a própria DISSENSÃO personificada!

Dissensão é divisão. Separação!

A Sua Palavra dividia! Separava!

Ao curar, num sábado, um cego de nascença, pôs-Se a altercar com os judeus incrédulos. E a disputa provocou dissensão, separação de opiniões entre o povo (João 9.16).

Ao Se apresentar como o Bom Pastor, **“houve outra dissensão entre os judeus”** (João 10.19).

Por exigir separação, jamais Jesus cortejou os magnatas do mundo. De certa feita, numa viagem, esqueceram-se os discípulos de levar pão. Valeu-Se o Mestre da oportunidade e disse-lhes: **“Olhai e acutelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus”**. Não **“do fermento dos pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus”** (Mateus 16.6, 12).

Invectivou fariseus e escribas como hipócritas exatamente por misturarem a boa doutrina de Deus com tradições de homens, como fazem os hierarcas da Babel Roma.

“Então os discípulos, aproximando-se dEle, perguntaram-Lhe: Sabes que os fariseus, ouvindo essas palavras, se escandalizaram? Deixai-os”, sem qualquer temor de ferir ou melindrar os poderosos, contestou-lhes o Mestre. **“São guias cegos”** (Mateus 15.12-14).
Perante as multidões, no Templo, desmascarou as destacadas autoridades religiosas do Seu país (Mateus 23).

Se não adoulu os prestigiosos da religião, também não lisonjeou a gentalha, o povão. E nem os Seus próprios discípulos!

Quando multiplicou os pães, as multidões O aclamaram: **“Esse é verdadeiramente o profeta que havia de vir ao mundo”** (João 6.14). Quiseram entronizá-lo rei político. Ele, porém, sozinho, fugiu. Separou-Se! Isolou-Se!

Encontraram-no no dia seguinte. Apresentou-Se-lhes como verdadeiro Pão da Vida. Suscetibilizados, dEle murmuravam os judeus e entre si disputavam e dissentiam (João 6.41, 52).

Melindrados, muitos dos Seus discípulos disseram: **“Duro é este discurso; quem o pode ouvir? Isto vos escandaliza?”**, retrucou-lhes o Mestre (João 6.60, 61). **“Por causa disto, muitos dos Seus discípulos voltaram para trás e não andavam mais com Ele. Perguntou então Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos?”** (João 6.66, 67).

“Alvo de contradição” (Lucas 2.34), Jesus Cristo Se apresenta como a separação personalizada a exigir separação.

Nada se Lhe dá o escândalo. A suscetibilidade. O melindre.

Abandonaram-no? É a separação que Ele impõe!

Separação, divisão que, em plenitude, se consumará nas culminâncias escatológicas. **“Assim será no fim do mundo: Sairão os anjos e SEPARARÃO os maus dentre os justos”** (Mateus 13.49). **“Quando, pois, virdes o Filho do homem na Sua glória, e todos os anjos com Ele, então Se assentará no Trono da Sua glória e, diante dEle serão reunidas todas as nações, e Ele SEPARARÁ uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos”** (Mateus 25.31, 32).

g)- O que é a Igreja senão a Assembléia dos tirados para fora? Dos separados?

Separados, tirados para fora do babilonismo, da magia, da iniquidade? Para fora da idolatria? Do culto falso?

O que é a Igreja senão a Assembléia dos tirados para fora da Grande Babilônia?

Os perdidos, **“por natureza filhos da ira”** (Efésios 2.3), se dividem dos salvos integrados na Igreja. Sem Cristo, **“separados da vida de Deus”** (Efésios 4.18), estão **“separados da comunidade de Israel e estranhos aos pactos da promessa”** (Efésios 2.12).

Paulo Apóstolo, **“SEPARADO para o Evangelho”** (Romanos 1.1), resume em poucas palavras o inquestionável mandato de Jesus quanto à separação. Define-a ele: **“Não vos prendais a um jugo desigual com os incrédulos; pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? Ou que comunhão tem a luz com as trevas? Que harmonia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o crente com o incrédulo? E que consenso tem o santuário de Deus vivo com os ídolos? Como Deus disse: Neles habitarei e entre eles andarei, e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. Pelo que saí do meio deles e SEPARAI-VOS, diz o Senhor; e não toqueis coisa imunda, e Eu vos receberei, e Eu serei para vós Pai, e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso”** (2ª Coríntios 6.14-18).

O amor cristão que **“se regozija com a verdade”** (1ª Coríntios 13.6) só pode existir com e na verdade (2ª João 3).

À Igreja, **“coluna e esteio da verdade”** (1ª Timóteo 3.15), cabe **“pelejar pela fé que, de uma vez para sempre, foi entregue aos santos”** (Judas 3). E, nesta incumbência, proclamar a aqueles que católica e babilonicamente exigem para a salvação obras além de fé em Cristo: **“Separados estais de Cristo”** (Gálatas 5.4).

O afastamento de quem abandona a verdade deve se impor porque ao tal, recomenda João, **“não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis”** (2ª João 10).

Tendo em vista os que promovem escândalos contra a doutrina, Paulo estabelece: **“Desviai-vos deles”** (Romanos 16.17).

II

“SAI DELA...”

Por que sair dela? Por que separar-se da GRANDE BABILÔNIA?

A advertência divina é insofismável!

Eis o inconfundível motivo! Aliás, Deus na Sua inexcedível misericórdia, sempre esclarece as razões de Suas ordens. **“PARA QUE NÃO SEJAS PARTICIPANTE DOS SEUS PECADOS”**.

Os pecados da Grande Babel Roma!

Impossível enumerá-los... Sua quantidade excede os algarismos aritméticos. Sua intenção (intensidade, poder, profundidade) em malícia e perversidade supera a mais perspicaz avaliação.

Sua teologia é um asqueroso lupanar de prostituições e abominações.

Arrepiam-se os historiadores quando contemplan os palácios dos “papas”, dos “bispos”, os mosteiros, os conventos a transbordar a lama de todas as formas de imoralidade.

Lupanar de prostituições contra a verdade do Evangelho, os crimes da Babel Roma suplantam em malícia todos os outros seus crimes contra a moral e a decência.

É **“a mãe das prostituições e das abominações”** porque em seu filho ventre enxertado com o sêmen do “papa”, o pai dos pais da infinidade de bastardos, o Anticristo, arreversa suas disformes crias. As crias dos seus extravagantes dogmas e das suas aberradas devoções.

Lupanar de prostituições, a Babel Roma, babilonizando o Cristianismo, corrompe a verdade do Evangelho. Conspurca-a quando exige obras, além da fé em Cristo, para a salvação do pecador.

Corrompe-a quando impõe a sujeição aos seus “sacramentos”, os ritos da sua magia litúrgica.

Contamina-a quando emparceira com Cristo uma co-redentora, advogada e refúgio dos pecadores.

Emporcalha-a quando interpõe um sacerdócio humano e falho entre Deus e os homens.

Desnatura-a quando levanta uma horda infinda de “santos” intercessores.

Polui a verdade do Evangelho quando incrementa as suas fantásticas aparições de Cristo e de Maria.

Enxovalha-a ao juntar-lhe suas estrambóticas “devoções”.

Falsifica-a quando seus sacerdotes, nos altares dos seus mistérios, celebram a “missa”, o cobiçado sacrifício da renovação e repetição do Calvário.

Profana-a com suas romarias, os seus santuários, as suas basílicas, as suas imagens milagrosas.

Deturpa-a quando anexa às Sagradas Escrituras a sua famigerada tradição, pretexto farisaico dos seus desvios.

Amesquinha a verdade do Evangelho quando instala o seu “papa” na condição de “sumo pontífice”, “vigário de Cristo”, “santo padre”, dotado do dom da infalibilidade.

O Catolicismo, cristianismo babilonizado, é a permanência do ocultismo ou saturnismo babilônico. Permanência constante. Ininterrupta.

Entre ambos só há uma diferença. O Catolicismo, a efetivar a obra do diabo para enganar e seduzir os habitantes da terra (Apocalipse 13.14), se apresenta como Cristianismo, como Igreja. Exibe-se como depositário da revelação divina. Manifesta-se como mãe e mestra, luz dos povos (*“mater et magistra”, “lumen gentium”*).

Para seduzir, enganar, lograr, embair, ludibriar, persuadir e atrair adota as palavras das Sagradas Escrituras com a significação por completa diversa do sentido das mesmas Escrituras.

Nos lábios do clero o vocábulo dizimo, por exemplo, denota outra acepção. Evangelizar para o clero é coisa bem diferente daquilo que os evangélicos conhecedores da Bíblia sabem. Entre os exemplos incluiremos os termos: culto, Ceia do Senhor, batismo, arrependimento, fé... E o nome sacratíssimo de nosso Senhor Jesus Cristo.

O Jesus Cristo do cristianismo babilonizado não é o bendito Salvador revelado nas Santas Escrituras. Nomes semelhantes, sim, mas as personalidades, os efeitos de suas obras e dos seus sacrifícios são diametralmente opostos.

Jesus Cristo das Escrituras é o único porque todo-suficiente Salvador. O da Babel romanizada é um pobre coitado que, para salvar seus fiéis, precisa da ajuda de uma co-redentora, de um purgatório, de um sacerdócio pecaminoso, de uma malta de “santos” intercessores, de um “vigário” terreno, de uma “missa” a lhe repetir o insuficiente sacrifício. Precisa mesmo dos pecados do próprio pecador que lá no confessionário se tornam matéria do “sacramento” do perdão.

Ao peçonhar a verdade do Evangelho, a Babel Roma inutiliza, anula, neutraliza suas afirmações no sentido de um único Deus, da Trindade, da encarnação do Filho de Deus. A sua soteriologia suprime, invalida, destrói aqueles seus possíveis pontos doutrinários coincidentes com os legítimos ensinamentos das Escrituras Sagradas.

Seu crime, por conseguinte, é mais perverso. E, de fato, a meia verdade sempre prejudica mais a verdade integral do que a própria mentira. Plínio Salgado, com aquela acuidade que lhe é peculiar, escreveu: “Todo o fragmento de verdade é verdade enquanto fragmento, mas mentira se se quiser impor como toda a verdade”.

Se eu disser, mostrando uma fotografia do Elevador Lacerda: “Aqui está o que é a cidade de Salvador”, mentirei por intermédio de uma verdade, pois a bela capital baiana não é apenas o Elevador Lacerda.

Assim faz a teologia católica quando apresenta retalhos do Evangelho. E com a agravante de misturar a esses pedaços as suas falsidades características.

Satanás, o **“pai da mentira”**, engenhou a babilonização do cristianismo, entronizando-lhe à frente um “papa”, o Anticristo. Flexuoso, astuto, perspicaz, sutil, sabe ludibriar, lograr, engazopar. E induz as massas ignaras a se perfilarem na procissão dos fiéis da Babel Roma!

E mais! Sua astúcia, verdadeiro monumento de satanismo, move muitos evangélicos a nutrirem afeição pelo Catolicismo. Segredando-lhes o pretexto estúpido das possíveis boas intenções do clero, sugere-lhes a aproximação dele e esquivar-se de combatê-lo.

Incita-os a acomodarem-se com os sacerdotes do babilonismo romano, emparceirarem-se a eles em suas celebrações religiosas com o intuito de abrir portas para anunciar-lhes e aos seus fiéis a verdade do Evangelho.

Seria esta boa tática? Ética? Eficiente? Proveitosa?

Os pacóvios dessa tática cobiçam justificar sua manobra anti-evangélica com a experiência de Paulo: **“Fiz-me como judeu para os judeus, para ganhar os judeus; para os que estão debaixo da Lei, como se estivesse eu debaixo da Lei (embora debaixo da Lei não esteja), para ganhar os que estão debaixo da Lei”** (1ª Coríntios 9.20).

Lindo!

Dizem eles aceitar a participação nas solenidades católicas, como casamentos e cultos ecumênicos, a exemplo de Paulo, que se fazia judeu para ganhar os judeus e gentio para ganhar os gentios...

Fazem-se eles católicos para ganhar os católicos! Espíritas para ganhar os espíritas. Macumbeiros para ganhar os macumbeiros.

Querem se fazer **“tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns”** (1ª Coríntios 9.22).

E vem a pergunta!

Acaso o apóstolo se tornou idólatra? Em Éfeso ajoelhou-se ele diante da senhora Diana? Conservava em casa os seus nichos, os seus oratórios? Conluiu-se com os fariseus adúlteros do Evangelho?

Certo “pastor” (“pastor” entre aspas porque do pastorado faz uma sinecura), certo “pastor”, de parceria com um sacerdote do evangelho babilonizado, celebrou, dentro do templo da idolatria, o casamento ecumênico de um membro de sua “igreja” com um romanista. E depois saiu dizendo haver tido a maior oportunidade da sua vida: pregou o Evangelho para mais de duas mil pessoas.

Algumas mentiras e outras mistificações!

Ele não pregou o verdadeiro Evangelho! Sua arenga foi pura baboseira! E lá no pagode romanista nem cabem duas mil pessoas!

Mistificou o seu rebanho também de pacóvios como ele. Lá se mandou a celebrar o casamento ecumênico por encontrar nele uma porta aberta! Seu bairro, no entanto, está sem Evangelho. Ninguém jamais é abordado pelo “pastor”. Nem o seu cabeleireiro!

Faz-se como judeu, faz-se como gentio, faz-se como católico...

Porventura faz-se ele **“escravo de todos para ganhar o maior número possível”**? (1ª Coríntios 8.19).

Pisem-lhe no dedinho do pé! Entregue-lhe o tesoureiro da “igreja” cem cruzeiros a menos do seu salário. Deixem-lhe sem substituir a lâmpada queimada da casa pastoral. Reclame-lhe alguém a omissão das visitas às pessoas interessadas. Barre-lhe alguém alguns minutos em prejuízo do seu trabalho secular. Experimentem! E verão se ele se faz escravo **“para ganhar o maior número possível”**!

Como esse “pastor” são todos aqueles que, no cambalacho da ação ecumênica, dizem aproveitar as oportunidades das portas abertas.

A ordem decisiva e irrevogável de Deus é clara e indiscutível: **“SAI DELA...”**

Quem nela fica participa dos seus pecados. Quem se aproxima da Babel Roma contagia-se de sua fedentina...

III

“SAI DELA...”

Sair dela por quê? Por que distanciar-se da grande Babilônia?

Há outro motivo? Outra razão além desta de não ser participante dos seus pecados?

Sim, há outro motivo inquestionável: **“PARA QUE NÃO INCORRAS NAS SUAS PRAGAS”**.

Abundantes são os pontos de contato entre a babilônica religião dos mistérios e o Catolicismo. É a decorrência inequívoca de ser A GRANDE BABILÔNIA mística o antítipo da Babilônia histórica. Naquela, cumprem-se todas as características desta. Também a circunstância de suas pragas e do seu desgraçado fim.

Quando souu a hora do livramento do Seu antigo Israel, Deus decidiu destruir a metrópole da Babilônia do Eufrates, figura e tipo da Babel Roma alegorizada na Mulher Mistério (Apocalipse 17.1-5).

“Saí do meio dela, ó povo Meu, e salve cada um a sua vida do brasume da ira do Senhor” (Jeremias 51.45) é a determinação expressa e límpida de Deus. Abater-se-ia Sua vingança sobre a orgulhosa **“senhora de reinos”**.

“Eis que ela será a última das nações, um deserto, uma terra seca e uma solidão... Não será habitada, antes se tornará em total desolação; qualquer que passar por Babilônia se espantará e assobiará por causa de todas as suas pragas. A espada virá sobre os caldeus, diz o Senhor... e sobre os moradores de Babilônia, e sobre os seus príncipes, e sobre os seus sábios... Nunca mais será povoada, nem será habitada de geração em geração, porque os desígnios do Senhor estão firmes contra Babilônia, para fazer da terra de Babilônia uma desolação, sem habitantes. Como se tornou Babilônia um espetáculo horrendo entre as nações” (Jeremias 50.12, 13, 35, 39; 51.41).

A trágica profecia à risca se cumpriu!

A execução da ira do Senhor contra a velha Babilônia é a evidência aprovada do infalível e indefectível cumprimento de Sua vingança contra a Mulher Mistério, a Grande Babilônia.

Tornar-se-á ela **“morada de demônios, guarida de todo espírito imundo, e guarida de toda ave imunda e detestável. Porque os seus pecados se acumularam até o céu, e Deus Se lembrou das iniquidades dela. Por isso, num mesmo dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será consumida no fogo, porque forte é o Senhor que a julga. E os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em delícias, sobre ela chorarão e prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio; e, estando de longe, por medo do tormento dela, dirão: Ai!, ai da grande cidade, Babilônia, a cidade forte! Pois numa só hora veio o teu julgamento. E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra; porque ninguém compra mais as suas mercadorias. Os mercadores... que por ela se enriqueceram ficarão de longe por medo do tormento dela, chorando e lamentando...”** (Apocalipse 18.2, 5, 8-11, 15).

Ao estrondo da sua queda, como no passado, estremecerá a terra (Jeremias 50.46).

Eis o fim da GRANDE BABILÔNIA!

Contra ela, quando o Senhor abrir o Seu arsenal e tirar os instrumentos de Sua indignação (Jeremias 50.25), não poupará a Sua fúria porquanto repetir-se-á a horrenda cena da destruição da sua antiga homônima.

Até agora tem-me sido impossível entender a simpatia de alguns evangélicos para com o cristianismo babilonizado de Roma. Como irei amar aquilo que Deus odeia?

Para eles, basta um gesto do “papa” e querem ver algo de bom. Basta o “sumo pontífice”, teatralmente, debruçar-se no solo e beijá-lo, ajuntam os seus aplausos aos dos fiéis romanistas.

Esquecem-se esses evangélicos, fascinados pela pompa e pelo predomínio do sistema católico, de que a Babel Roma é incurável.

É o caso de se repetir-lhes o tom de mofa daquelas palavras do Senhor: **“Tomai bálsamo para a sua dor, talvez sare”** (Jeremias 51.8). O cristianismo católico babilonizado é o monstro mais horripilante que o inferno criou. Criou-o e o incrementa no poder do seu plenipotenciário, o “papa”.

Existe, contudo, uma monstruosidade mais horripilante! É a da afeição, a do amor de certos evangélicos para com a Babel Roma. Pior do que o Catolicismo são os criptocatólicos.

Que um dia, pelo menos no instante da queda definitiva da Grande Babilônia, eles, arrependidos da sua espessa idiotice, possam reconhecer e dizer: **“Queríamos curar Babilônia, ela, porém, não sarou”** (Jeremias 51.9). E abandonem essa estúpida simpatia, esse ridículo amor.

O Catolicismo jamais se curará. Seu destino é o do severíssimo juízo de Deus. **“Ainda que Babilônia subisse ao céu, e ainda que fortificasse a altura da sua fortaleza, contudo, de Mim viriam destruidores sobre ela, diz o Senhor”** (Jeremias 51.53).

Conscientes da irreversibilidade da vingança divina sobre Babel Roma, em consequência dos seus desmandos, os servos de Deus empunham o arco e, atalaias da verdade do Evangelho, juntam as suas flechas às dos valentes heróis. E nenhuma delas tornará sem efeito (Jeremias 50.9).

Pressurosos e solícitos, êmulos do antigo povo de Deus, acatam a determinação do Senhor: **“Ponde-vos em ordem de batalha para cercar Babilônia, todos os que amais arcos; atirai-lhe, não poupeis as flechas porque ela tem pecado contra o Senhor”** (Jeremias 50.14). **“Arvorai um estandarte sobre os muros de Babilônia, reforçai a guarda, colocai sentinelas, preparai as emboscadas; porque o Senhor tanto intentou como efetuou o que tinha dito acerca dos moradores de Babilônia”** (Jeremias 51.12).

Se o profeta Jeremias, em Nome do Senhor, com esses termos conclamou, cerca de setenta anos antes dos terríveis eventos da destruição de Babilônia, se ele conclamou o povo de Deus à participação da ruína da **“senhora dos reinos”**, suas exortações também são para nós. Tanto o são

que a Palavra de Deus em o Novo Testamento as reprisa: **“Tornai a dar-lhe como também ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro. Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, tanto lhe dai de tormento e de pranto”** (Apocalipse 18.6-7).

Nessa hora de glória suprema, quando o mal encarnado na mulher prostituta, na Mulher Mistério, a Grande Babilônia, for em definitivo vencido, a imensa multidão dos salvos, jubilosa, a portar troféus de vitória, aplaudirá: **“Aleluia! A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus, porquanto verdadeiros e justos são os Seus juízos, pois julgou a grande meretriz que corrompia a terra com a sua prostituição e das mãos dela vingou o sangue dos Seus servos... Aleluia! E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos”** (Apocalipse 19.1-3).

.oOo.

